REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

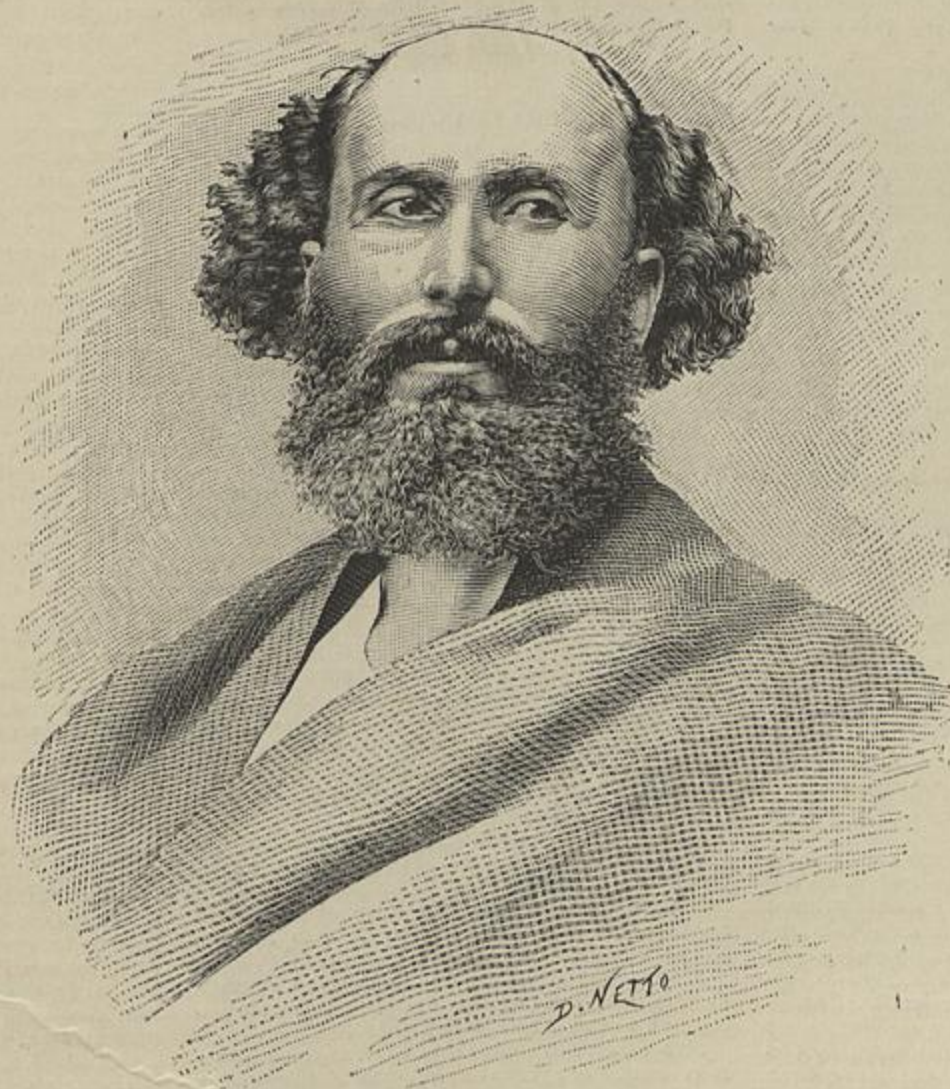
| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) ...... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrangeiro (união geral dos correios). | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 303

21 DE MAIO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

JOAO CHRISTINO DA SILVA

# CHRONICA OCCIDENTAL

O promettido é devido.

Ha muito tempo que andamos a prometter dedicar uma das nossas chronicas a livros, ás novidades do nosso mercado litterario, e vamos hoje cumprir essa promessa.

E como são muitos os livros que os acontecimentos inadiaveis da chronica tem deixado amontoar sobre a nossa mesa, muitos e de differentes generos, de differentes indoles e de differentes epochas, nós agora, para cortarmos a difficuldade da escolha d'aquelles a que devemos dar primasia, começaremos pelos mais recentes, por aquelles que estão ao de cima do nosso monte, e iremos successivamente explorando essa montanha, com a brevidade que nos permittirem os deveres da actualidade que a indole da nossa chronica nos impõe.

A de hoje será toda dedicada a livros, e raras vezes as revistas bibliographicas de Portugal tem a boa sorte que hoje nos sorri, a de ter que dar conta de quatro livros, todos elles verdadeiramente notaveis no seu genero, todos elles obras primas de escriptores dos mais illustres da nossa terra e do nosso tempo.

As duas ultimas obras que tinhamos recebido e de que ha muito estavamos para nos occupar, eram, como já dissemos, o novo poema de Francisco Palha:—*A Estatua, Scenas contemporaneas,* e o 1.º volume de versos de Joaquim da Costa Cascaes, *Poesias,* ambas editadas pelos seus illustres auctores, ambas impressas na Imprensa Nacional, ambas tendo o typo e o formato e até o papel, das obras de Garrett, um papel, um typo e um formato genuinamente portuguezes, como genuinamente portuguezas ellas são, pela ideia e pela fórma, pelo assumpto e pela linguagem.

Momentos antes de começarmos esta chronica, chegaram-nos outros dois livros novos, de genero differentissimo, mas tendo entre si o parentesco intimo que liga todas as obras notaveis parecendo-se todas umas com as outras, em serem verdadeiramente distinctas—a *Reliquia* de Eça de Queiroz, e o *Severo Torrelli,* o drama de Coppée, esplendidamente traduzido em verso portuguez por Jayme Victor e Visconde de Monsaraz.

Este ultimo livro, sahido tambem dos prelos da Imprensa Nacional, n'uma formosa edição feita pelo nosso presado amigo Paulo Plantier, o disvelado cultivador das mais bellas rosas que jardins de Portugal tem produzido, citamol-o apenas, para registar aqui o seu apparecimento e o nosso agradecimento ao seu illustre editor. *Severo Torrelli,* o afamado drama de Coppée, appareceu em livro no mesmo dia em que subiu á scena no theatro de D. Maria.

Não tivemos ainda occasião d'ir vel-o representar e por isso não quizemos ainda ler a sua traducção; queremos receber a primeira impressão d'esta distincta obra theatral, que tão grande successo teve em França, precisamente no seu meio artistico, no theatro.

Depois então, leremos com o nosso vagar, no silencio do nosso gabinete, os bellos versos portuguezes em que Jayme Victor e o Visconde de Monsaraz verteram os esplendidos versos de François Coppée, e admiraremos uma a uma, todas as bellezas litterarias d'essa peça notavel, de que primeiro queremos ter a impressão perfeitamente theatral.

Note-se entretanto que os adjectivos elogiosos com que acompanhamos hoje esta noticia do apparecimento da versão de *Severo Torrelli,* não são feitos sob palavra—o que no fim de tudo podiamos muito bem fazer, tendo como garantia os nomes illustres e o talento provadissimo do Visconde de Monsaraz e de Jayme Victor. Conhecemos alguns trechos da versão do drama de Coppée, que justificam plenamente esses elogios e que correspondem perfeitamente ao que se esperava dos dois distinctos poetas portuguezes.

A *Estatua* de Francisco Palha é um dos livros mais notaveis, que mais impressão nos tem produzido n'estes ultimos tempos.

É uma verdadeira obra prima, com um cunho original, com um sabor portuguez, e com a affirmação d'uma poderosa individualidade, como raro estamos habituados a encontrar na litteratura contemporanea.

E o livro d'um mestre consummado e glorioso. Ao lê-l'o experimenta-se a sensação estranha que se sente em frente d'uma d'essas grandes obras d'arte, consagradas pela admiração de muitas gerações e que vivem já na immortalidade.

*A Estatua* é uma obra prima d'um moderno, d'um contemporaneo, com toda a correcção serena e impeccavel d'um antigo, co'locado de ha muito entre os grandes modelos classicos.

Paira em toda ella uma serenidade imperturbavel, uma arte tão pura, tão invulneravel a todos os vicios litterarios do nosso tempo, a todas as preoccupações artisticas pequeninas das escolas que hoje se degladiam, que nós chegamos a não comprehender como esses versos, tão olympicamente e serenamente artisticos, foram feitos ao nosso lado, no nosso meio agitado e turbulento, d'onde a arte pura, a grande arte imperturbavel e tranquilla, parecia ter fugido para sempre.

Ao encontrarmos entre todos os livros modernos, entre esses livros em que se reflectem todas as paixões varias, todas as preoccupações complexas da nossa epocha, a *Estatua* de Francisco Palha, sentimos a mesma admiração, a mesma estranheza, que sentiriamos vendo a passear na Avenida ou a assistir a um dos concertos do maestro Rudorff, uma dessas magestosas e soberanas deusas do olympo pagão, d'essas deusas de que nos falla Hesiodo e que o grande Homero cantava.

O poema de Francisco Palha é uma obra d'arte completa, é uma das raras obras que hão de ficar, para honrar a litteratura do nosso tempo nos seculos vindouros.

Os versos, d'um metro caprichoso e variavel, compendiando n'aquellas duzentas paginas todas as maiores difficuldades da arte metrica, tem comtudo uma expontaneidade tal, que parece não haver no mundo nada mais facil do que fazer versos assim.

A linguagem d'uma vernaculidade excepcional hoje, d'uma correcção perfeitamente classica, tem ao mesmo tempo a mais expontanea naturalidade. Não é um poeta que está a fazer versos, é um poeta que falla; a rima vem ao seu encontro sem elle a procurar, as imagens atropellam-se sem elle se quer dar por isso.

E a individualidade originalissima do poeta transparece sem alarde, com uma grande bonhomia, em cada pagina do seu poema.

A alegria jovial, o humorismo perfeitamente portuguez e finamente litterario que caracterisam em Francisco Palha entre todos os escriptores contemporaneos, casa-se a uma certa melancolia deliciosa, sem pieguice nem pretensão, que faz pensar ás vezes em Campoamor, que faz pensar ás vezes em Beranger.

N'outro logar do Occidente damos dois trechos da *Estatua,* d'essa obra prima com que Francisco Palha acaba de enriquecer a litteratura portugueza, d'esse poema que vae tomar o seu logar ao lado dos livros de versos mais celebres do nosso seculo.

E muito mais de que todas as nossas palavras, impotentes para traduzirem a impressão estranha que nos produziu o notavel livro, esses dois trechos, colhidos ao acaso, mostram aos leitores do Occidente a originalidade poderosa, e a maravilhosa arte excepcional do poema de Francisco Palha.

E para não fallarmos só de versos, deixamos para a proxima chronica as *Poesias* do sr. Joaquim da Costa Cascaes e vamos conversar um bocado ácerca do outro livro que está tendo nas nossas livrarias o grande successo, que acolhe sempre todas as obras do seu auctor:—da *Reliquia* d'Eça de Queiroz.

A *Reliquia* ha tanto tempo annunciada e tão anciosamente esperada, é um grosso volume de cerca de 450 paginas.

Recebemol-o ha dois dias e apesar de todo o nosso enorme interesse em o ler, não tivemos tempo ainda senão para o folhear.

A confissão deve parecer um pouco extraordinaria, confessamos, exactamente na occasião em que annunciamos ir fallar da *Reliquia.*

Mas é que nós indo fallar da *Reliquia* não vamos comtudo aprecial-a litterariamente; vamos simplesmente contar um caso muito original que se deu com o novo livro de Eça de Queiroz.

Esteve recentemente em Lisboa—não sabemos se está ainda—um fidalgo sueco, muito distincto, muito illustrado, que veio procurar no nosso clima alivio para uma enfermidade de que soffria sua esposa.

Esse cavalheiro muito dado ás lettras, e litterato mesmo elle proprio, crêmos, travou aqui relações com alguns escriptores, sendo um d'elles o eminente homem de letras e nosso presado amigo o sr. Ramalho Ortigão.

O conde sueco e o illustre auctor do *John Bull* davam-se muito, e um dia fallando-se ácerca de escriptores portuguezes a conversação cahiu, como era de dever em Eça de Queiroz, o grande romancista do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Basilio,* o amigo intimo de Ramalho e seu glorioso collaborador nas *Farpas* e no *Mysterio da estrada de Cintra.*

E fallando das obras d'Eça de Queiroz, fallando do notabilissimo livro, de que hoje registamos o apparecimento e que então estava ainda no prelo, Ramalho Ortigão contou então por alto, o que era a nova obra do auctor do *Mandarim,* e descreveu a largos traços a acção originalissima da *Reliquia.*

O conde sueco começou a ouvir Ramalho com esse interesse trivial que todo o homem que ama as letras tem por uma novidade litteraria, mas á proporção que Ramalho Ortigão ia fallando, o sueco abria muito os olhos, esgaseados, estupefactos, dava mostras d'uma funda admiração e murmurava aturdido:

—É estranho! É phantastico!

Ramalho Ortigão contava-lhe o extravagante sonho de Theodorico o heroe da *Reliquia,* esse sonho que constitue como que a parte principal, o *clou* do novo romance de Eça de Queiroz.

Theodorico, um rapaz burguez e estudio da nossa baixa vae á Terra Santa. N'uma estalagem em que pernoita em Jericó, sonha que o accordam e que o levam a ver o julgamento de Christo.

E assim em sonhos, o bom do Theodorico assiste como espectador a toda a gigantesca tragedia do Golgotha acompanhando, todas as extraordinarias scenas que ante os seus olhos se desenrolam, com comentarios perfeitamente seus; um janota da baixa apreciando á luz do criterio da rua do Arco de Bandeira a tragica historia de Jesus!

—Estranho! Phantastico! murmurava estupefacto o conde sueco.

E depois explicou estas suas assombradas exclamações.

Um amigo seu, um escriptor sueco, tinha concluido um romance que estava ou ia entrar no prélo, em que se passa exactamente a mesma scena.

Lá o protogonista é um empregado do correio de Stocolmo. Como o heroe de Eça de Queiroz, vae á Terra Santa, adormece n'uma hospedaria em Jerusalem, em vez de ser em Jericó, de repente sente bulha na rua, vae á janella, vê passar um homem preso entre soldados romanos. Sahe á rua e segue essa gente. O preso é Jesus, e o empregado do correio assiste a todas as peripecias do drama da paixão, em sonho, commentando esse tragico acontecimento com a sua critica d'empregado postal sueco!

Effectivamente havia toda a razão para exclamar:

—Estranho phantastico!

É evidente que por fórma alguma, nem mesmo pela mais involuntaria e caprichosa das coincidencias, não foi a idéa do escriptor portuguez que inspirou ao escriptor sueco a sua obra, nem vice versa.

Alem da circumstancia dos dois escriptores serem um sueco outro portuguez, e não se conhecerem inteiramente nada, de não haver permutação alguma d'idéas litterarias entre Portugal e a Suecia, da nossa litteratura ser lá completamente desconhecida como entre nós é a litteratura sueca, dá-se ainda o caso que corta pela raiz qualquer possibilidade de sugestão, nenhum dos dois romances estar publicado ao tempo.

Estamos portanto em frente d'um facto estravagante, unico talvez; a mesma idéa original, nova, uma d'estas idéas que não andam por ahi no espirito de todos, que não fazem parte d'essas idéas que andam na corrente, occorrer ao mesmo tempo a um escriptor na Suecia e a um escriptor em Portugal.

Eça de Queiroz, da bocca de quem ouvimos esta historia, ficou intrigadissimo com ella e comprehende-se. «É muito mais original do que o meu romance,» disse-nos elle.

E agora vamos lêr a *Reliquia.*

*Gervasio Lobato.*

---

# A ESTATUA

DOIS EXCERPTOS

XV

Não vê caminho
quem, scismando, o percorre; quem, absorto
em seu phantasiar, anda sósinho.
Por isso ás vezes em atalho torto
até perder-se vae quem muito scisma.

Não sei qual era o prisma,
sob que aspecto Raul a seu talante
ia o provir compondo. Negro e torvo,
suspeito que o sonhasse n'esse instante,
como se as azas d'um immenso corvo
lhe encobrissem a luz do sol brilhante.
O que eu sei é que foi, alheada a mente,
sem consciencia de si, andando... andando
até deixar a habitual vereda;
dar comsigo dos montes na vertente;
subir... subir; parar de quando em quando
sem fol'go, extenuado, e na alameda
dos platanos frondosos,—as plumagens
da crista da montanha,—
entranhar-se por fim.
Densas ramagens,
por entre as quaes penetra luz escassa,
ridente a vide em seus anneis appanha,
nos pampanos viçosos entrelaça.
Dos livros bolorentos que eu consulto
consta que alli nascêra a amavel Graça,
primeira das tres manas, que a seu culto
sujeita os corações e tem de bello
tudo... menos o nome de Euphrosina.
No mais encaixa as outras n'um chinello:
nem ha mulher alguma que o não faça,
se junta a ser formosa o ser ladina.

Em clareira espaçosa e recalcada
o longo renque d'arvores termina.
Um templosinho alegre, uma capella
toda garrida, toda bem caiada,
levanta-se singela
no centro da esplanada.
Ao lado—uma casita igual na alvura,
dando-se ares d'um d'esses gallinheiros
onde só cacareja o padre cura.
Um craveiro á janella. Na parede
espalmam-se, tecendo, os jasmineiros,
de malha em malha a perfumada rede,
vigorosos, floridos. Não; que a fonte,
correndo ali deffronte,
os pés lhes vae regando e não lhes deixa
saber o que é ter sede.

D'um povo inda boçal na crença rude
aguas santas são essas. Um mergulho,
tomado ali com fé, tem a virtude
da quina amarga em febres outoniças;
abafa o rheumatismo e vae do engulho
as nauseas serenando; afoga as serpes
que mordem sem piedade almas noviças
em martyrios d'amor; extingue os herpes;
sacode cá de dentro os mafarricos,
e trinta cousas mais que dão vertigem
e são eterna, endiabrada origem
de convulsões, espasmos e fanicos.

Não é, misero povo, em agua clara
que mal nenhum dos teus se extirpa e cura.
Quem limpa da carépa e tira a escara
é só um santo; é San' *Boaventura*.
Teimando no mergulho, então procura
as aguas que são turvas e entra affoito.
Se a brincadeira não te custa cara,
entraste um zero e sáes de lá um oito.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

LXVI

Ora o intuito de Elisa, a nobre idéa
que traz encasquetada,
—e logo que se torne conhecida,
é natural que sensação produza
qual se os filhos matasse outra Medéa,
qual faria a cabeça de Medusa...
se tal cabeça houvesse,—o pensamento,
que serviu de pretexto a que a partida
fosse adiada assim, era—coitada!—
erigir a si propria um monumento.
Que a sua bella imagem,
no marmore esculpida,
ao mundo atteste, hypocrita de pedra,
um remorso pungente além da vida!..
Sendo o juizo em nós, qual é, tão raro,
em todos que o não têem, por força, é claro,
qualquer idéa parva engorda e medra.

Por sobre os hombros nús solto o cabello,
—que redondinhos hombros! que frescura!
excitando o esculptor que mais procura
e mais consegue vêr!—por fim Elisa,
servindo de modelo
o intuito realisa,
o seu intento logra.
E concluida a estatua e trasladado
com ella para a Taipa, onde descansa,
o corpo do finado;
por companheiros seus tendo, d'um lado
o pobre frade velho, do outro a sogra,
no cemiterio é posta com tal arte
que aos tres, a todos tres, os olhos lança;
com todos tres as lagrimas reparte.
Depois...

LXVII

Depois callou-se o boticario;
aquelle bom caturra
que julga, e com rasão, a humanidade
um monstro, ora feroz ora frascario.

Então eu perguntei:

«E a sombra... o vulto
«que vi entre os cyprestes... era a viuva?»

—Essa anda por Lisboa a pedir chuva:
deu cabo d'um casão!.. Seria a burra
do meu senhor abbade.
Costuma alli pastar.—

Dorme, sepulto
da terra nas entranhas,
ditoso que morrer tiveste em sorte!..
Repousas: não te chores.
Se nas transformações multiplas, varias,
que, dizem, traz a morte
déres um dia bodo ás alimarias,
não lhes transmittas, não, as nossas manhas.
São mais, e são peiores.

*Francisco Palha.*

---

## JOÃO CHRISTINO DA SILVA

João Christino da Silva—o Christino—como todos lhe chamavam, foi uma das figuras mais originaes da sociedade lisbonense. Alto e esbelto, a sua bella cabeça de perfil judaico—ornada com uma basta cabelleira negra, annelada e romantica, e meio occulta sob as abas d'um chapeu á Rubens, garbosamente inclinado sobre a orelha—apparecia e destacava-se d'entre a multidão em todas as reuniões publicas, nas exposições, nos theatros, nos circos, porque este artista foi, de todos os que tenho conhecido, o mais mundano, e portanto o mais popular.

Escondia-se Annunciação e vivia com as suas pinturas no seu *atelier* da Academia, e ninguem, vendo-o ao lado de Christino, diria que eram irmãos na arte; o esculptor Assis Rodrigues, com a sua formosa e fina cabeça toda branca, parecia um ecclesiastico; Metrass e Victor Bastos eram dois elegantes, e encontravam-se todas as noites na roda do Marrare do Chiado; Lupi com o seu porte elevado, serio e demorado nos movimentos e na expressão, tinha o aspecto d'um senador, d'um alto funccionario. Christino, só, no meio de todos os seus collegas, parecia ser o unico artista, porque só elle tinha o exterior da sua profissão.

Talento imaginoso, enthusiasta, expontaneo, facil e brilhante, poderia legar-nos obras notabilissimas, se não obstasse a isso, por um lado a mobilidade e a extrema sensibilidade do seu espirito, por outro as circumstancias sociaes do seu tempo, pouco propicias ao desenvolvimento das suas faculdades artisticas; por isso, e apesar da sua notavel estreia, aconteceu-lhe como a muitos outros, para quem o sol da arte, cheio de promessas e de esperanças na sua aurora, se enturva no meio da carreira, e desce nublado e triste ao occidente, deixando-nos só saudades e desillusões.

Discipulo da Academia de Lisboa, como todos os nossos artistas d'então e de hoje, entre o seu espirito irrequieto e os preceitos tradicionaes do ensino dos velhos academicos, seus professores, travou-se a lucta fatal dos periodos de transição, e o fogoso artista sahiu da Academia, e julgando achar na formosa arte de Benevenuto Cellini mais largos horisontes para o seu talento, dedicou-se á ourivesaria; porém, se a natureza o fizera artista, a arte nunca o fez rico, e não obstante a sua privança com os mais preciosos metaes, Christino, durante os dois annos que lavrou e poliu o oiro e a prata, convenceu-se de que por aquelle caminho não poderia nunca chegar nem á riqueza, nem á gloria, e elle ao menos aspi:ava a um d'esses escopos do talento e do genio.

Dissera o turbulento artista adeus á Academia e pozera de lado a paleta e os pinceis, mas os antigos companheiros de estudo, esses conservara-os elle, e era na loja que Christino tinha de sociedade com o ourives Moutinho, que elles se reuniam, e vinham continuar as suas palestras, e discussões, iniciadas nas aulas e galerias do convento de S. Francisco. O fogo ainda lavrava sob as cinzas, e o amor do artista pela pintura ia em breve renascer n'elle mais vigoroso e ardente. Ao contacto e sob a influencia d'esse convivio, que dia a dia lhe avivava as recordações dos seus queridos estudos, e os imaginados triumphos que a sua imaginação phantasiava, eil-o de novo voltando ao gremio da arte.

Dava o exemplo e já a lição a todos esses artistas, ainda no vigor da mocidade, o que havia de vir a ser o primeiro entre elles—Annunciação. Christino estabeleceu o seu *atelier* n'uma mansarda, d'uma rua da velha Alfama, proximo da casa paterna. Ahi pintou elle os seus primeiros quadros, e ahi foi conhecido e protegido pelo distincto amador, o sr. Moser, que n'aquelles tempos difficeis «*hard times*» era um dos rarissimos Mecenas dos que forcejavam por abrir caminho no mundo da arte.

A paizagem e os animaes, foram os generos cultivados de preferencia pelo joven artista, que nos conselhos e nos louvores dos seus amigos encontrava o incitamento para maiores e mais arrojados commettimentos. Assim decorreram alguns annos, sempre trabalhando e progredindo, até que na exposição da Academia, em 1855, Christino apresentou o seu grande quadro «*Os cinco artistas em Cintra*».

O publico que concorreu a visitar essa exposição—que marcou epoca na historia da arte portugueza—a imprensa que d'ella se occupou largamente, e os amadores que se interessavam pelos progressos e pelos triumphos dos jovens artistas, todos foram unanimes em dar um dos primeiros logares a João Christino, e, como se não devesse faltar nada para que o seu triumpho fosse completo, D. Fernando «o rei artista» depois de ver o quadro, quiz conhecer o seu auctor.

Ouvimos a Christino a narração d'essa entrevista, a que elle foi com o espirito cheio a um tempo de turbação e de contentamento. É que a distincção não podia ser maior: apenas entrado na carreira tocara a meta das suas mais ambiciosas aspirações, e sentia-se já na estrada da gloria e da fortuna. D. Fernando, novo ainda, acolheu-o com a maior affabilidade, elogiou-o, e para que as suas palavras d'encarecimento tivessem todo o valor e influencia no animo do artista, comprou-lhe o quadro, que ainda tivemos occasião de ver nas magnificas salas do riquissimo museu do fallecido rei.

Feliz estreia e feliz edade: Christino tinha apenas 25 annos!

*Zacharias d'Aça.*

(Continúa).

---

# GYMNASTICA

## O CLUB GYMNASTICO DE LISBOA

Entre as muitas cousas a que o nosso publico, ora apathico até ao desespero ora enthusiasta até ao delirio, se mostrava pouco propenso a boa acolhida e protecção, avultava a gymnastica, essa proveitosa arte que os antigos tanto honraram e respeitaram e a que pouca importancia ligavamos, talvez por não vistosamente etiquetada com dizeres indicativos de ultima novidade extrangeira.

Foi renhida a peleja; e tanto mais difficil e problematica se affigurava a victoria quanta era a invejavel tenacidade com que o *inimigo* raro sahia a campo, intrincheirando-se na duvida, e na indifferença... a mais rija muralha a escalar, quando defendida pelo publico. Que de luctas! Que de sacrificios! Mas os acerrimos luctadores, animados pela consciencia de pugnarem por bôa causa, confiantes nas proprias forças e n'um prospero futuro, foram sempre porfiando, passo a passo mas ganhando terreno; o *inimigo*, foi por fim desalojado dando-se por vencido, e hoje, felizmente, já se não enviezam olhares de desdem aos que ousam exhibir em publico exercicios, praticamente demonstrando vantagens, nem se desacredita o que na imprensa desassombradamente sae em defeza da causa, preiteando os adeptos e encarecendo os tão provadamente beneficos resultados da gymnastica.

O gymnasta que sae a publico a fazer exerci-

CINCO ARTISTAS EM CINTRA—Quadro de João Christino da Silva (Desenho de J. R. Christino)

cios já deixou de ser o *extravagante*, cedendo o logar ao *benemerito;* o que pela imprensa tenta a propaganda já não é absolutamente apodado de esbanjador de prosa, mas, quando muito, considerado *excentrico*... com tres partes de massador.

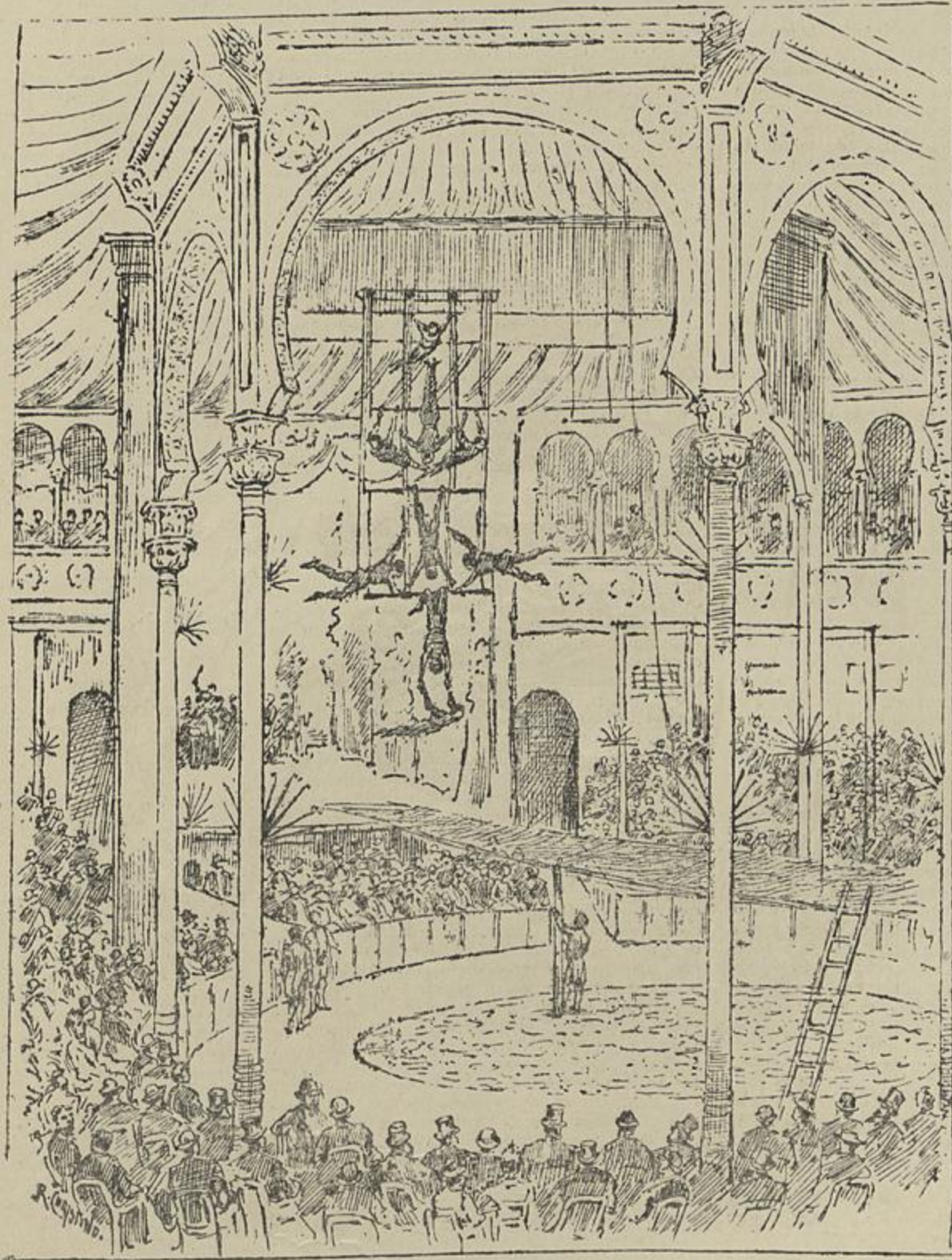
Abençoada civilisação!

Como todas as cousas que muito luctam para se impôrem a gymnastica de propaganda—a alta gymnastica—parecia mostrar-se nos ultimos tempos um tanto ou quanto carecida de forças, o possuia, continuava persistente e corajosa a poderosamente alargar os seus limites.

Na maioria dos casos, senão em todos a *gymnastica artistica* está muito longe de se tornar recommendavel para uma boa saude e, especialmente, para um desenvolvimento harmonico e perfeito; tanto mais que, vulgarmente, os que praticam a *gymnastica* artistica, ou por falta de paciencia ou de boa direcção, quasi nunca se deram ao trabalho de previamente se prepararem e desenvolverem com a gymnastica elementar.

Pelo uso e abuso d'uns certos e determinados exercicios, em que o gymnasta se julga especialista ou a que se affeiçoa, desenvolvem-se extraordinariamente uns musculos com grave prejuizo d'outros que se atrophiam. Apezar d'este inconveniente que não deixa de ter certa importancia, e que facilmente se remediaria se todos os gymnastas methodicamente praticassem apoz qualquer exercicio um outro, que destruisse ou compensasse os exaggerados ou perniciosos effeitos do primeiro, a propaganda não póde prescindir do valiosissimo auxilio da *gymnastica* artistica.

Mais tarde talvez, por ora não.

Uma exhibição de gymnastica elementar no Colyseu, de prompto narcotisaria o publico, e a causa teria perdido para elle cincoenta por cento da sua importancia. Emquanto que n'um sarau em que os amadores se apresentam á compita com os artistas o nosso publico interessa-se, anima-se, elogia, applaude, enthusiasma-se até, como succedeu no sarau do Club Gymnastico de Lisboa, em que os espectadores justa e merecida

SARAU DO CLUB GYMNASTICO DE LISBOA

NO COLYSEU DOS RECREIOS EM A NOITE DE 10 DO CORRENTE (Desenho de J. R. Christino)

ovação fizeram ao equilibrista, sr. Casimiro Teixeira—incontestavelmente quem teve as honras da noute—e se maravilharam com as bellezas novas do tri-triplo, apparelho a que allude a nossa gravura, inventado pelo eximio professor D. Luciano Samperez e primorosamente ensaiado pelo tão distincto quão applicado amador, o sr. Mario Bandeira Lima.

que facilmente se deprehendia dos mais modernos saraus publicos em que bem poucos novos adeptos figuravam e em que os antigos se restringiam ao mesmo ou a menos ainda do que já tinham feito. Os proprios amadores reconheciam e lamentavam a paralysação; mas o sarau ultimamente realisado pelo Club Gymnastico de Lisboa no Colyseu dos Recreios, veio providencialmente quebrar o desanimo e sobejamente demonstrar que a gymnastica cobrava novo alento e, não se limitando só a aperfeiçoar o que já

(Continúa.)

*Arthur Freire.*

# VICENTE JORGE DE CASTRO

VI

A empreza do *Archivo Pittoresco*, publicou um periodico mensal denominado *Annuario do Archivo Pittoresco*, publicação feita no mesmo formato e tamanho do *Archivo Pittoresco*, e que era uma revista do movimento politico, litterario, artistico e scientifico de todo o mundo, e em que collaboraram Rebello da Silva, Pinheiro Chagas e Brito Aranha, unicos collaboradores d'este annuario, superiormente escripto, mas de que apenas se publicaram 36 numeros correspondentes aos annos de 1864 a 1866.

Foi ainda a influencia da *Sociedade Madrepora* que determinou esta publicação annexa ao *Archivo Pittoresco*, e cujo fim principal era completar o semanario litterario com aquella revista universal, visto que a supposta protecção d'aquella sociedade a isso animava a empreza.

A *Sociedade Madrepora* influiu de tal modo nos briosos emprezarios do *Archivo Pittoresco*, que estes possuidos de um verdadeiro enthusiasmo pelo desenvolvimento que viam tomar o seu magnifico semanario, quizeram celebrar este facto com uma festa brilhante, um banquete, para que foram convidadas as sumidades litterarias do paiz, que todas collaboravam no *Archivo*, os collaboradores artisticos e o ministro do reino, que ao tempo, 1862, era Anselmo José Braamcamp, que assistiu á festa e fez um breve discurso sobre a instrucção publica, ao qual se seguiram outros por Silva Tullio, Osorio de Vasconcellos, Pinheiro Chagas, etc.

Quem diria então, a não ser praguento pessimista, que aquelles lisongeiros auspicios eram precursores da mais completa desillusão, e que os enthusiasmos da empreza do *Archivo Pittoresco*, de que Castro era por ventura o mais influente, se deviam aferir mais pelo seu animo generoso e desinteressado, do que pelos problematicos proventos arrecadados, largamente renumeradores de todas as fadigas e de todos os sacrificios feitos.

Mas não foi só a sociedade Castro Irmão & C.ª a que se illudiu com as famosas promessas e animador estimulo da *Sociedade Madrepora*, ainda que foi ella a mais duramente prejudicada; houveram mais illudidos, e isto nos vem esclarecer uma carta que um amigo nosso nos dirigiu a proposito do ultimo artigo, e que foi tambem uma das victimas do logro tão singular como deploravel.

Diz-se n'essa carta que a *Sociedade Madrepora* fôra instituida, no Rio de Janeiro, por um homem, de que não relataremos o nome para não mancharmos a memoria de um morto, e que esse homem convidou varios outros a subscreverem com uma annuidade destinada aos fins que expozemos no nosso artigo antecedente.

Esse homem constituiu-se presidente, thesoureiro e secretario da *Sociedade Madrepora*, e todos os negocios corriam secretamente e pelas suas mãos, depositando os subscriptores inteira confiança n'elle, até que a sua morte veiu denunciar que as quantias que lhe tinham entregado, haviam sido distrahidas do fim a que se destinavam.

Com a morte d'este homem morreu a *Sociedade Madrepora*, pois desapparecera todo o seu fundo, e nenhum outro subscriptor quiz tomar sobre si o encargo de fazer continuar esta sociedade, pois todos ficaram altamente indignados contra um caso tão revoltante.

Houveram illudidos, é verdade, mas melhor fôra que esses illudidos praticassem de modo a salvaguardarem o nome de uma sociedade que por tantos titulos se tornára sympathica, e que tinha contrahido compromissos pelos quaes devia haver mais respeito.

Cumpria aos subscriptores da sociedade não a deixarem morrer com o seu fundador, e se este tinha procedido mal, emendassem-lhe o seu erro, pois era este o unico modo de provarem publicamente o amor e o interesse que tinham pelos fins da sociedade.

Não insistiremos, porém, mais sobre este ponto, a que aliás não teriamos voltado, se a carta a que nos referimos, não viesse suscitar-nos novas considerações que não desejamos espraiar.

Sobre este fundo escuro destaca-se nobremente a empreza do *Archivo Pittoresco*, com a bizarria que sempre a distinguiu, e com o seu verdadeiro amor pela instrucção e desenvolvimento da arte nacional.

(Continua.)

*Caetano Alberto.*

# INSTRUCÇÃO PRIMARIA

DE COMO NÃO SATISFAZ ÁS NECESSIDADES POPULARES
DEMONSTRAÇÃO:

(Continuado do n.º 301)

Instrucção primaria ou primordial é a chave que serve para abrir a porta do futuro. Em Portugal não a consideram assim; é mais para satisfazer a vaidade do que para o grande fim de habilitar o homem no labutar da vida.

Dizemos *satisfazer a vaidade*, porque, em geral, as familias o que desejam é que o filho faça exame, sáia approvado, quer mereça approvação quer não a mereça. Para isso movem-se as influencias apadrinhando os neophytos; e, apparecendo o *papelucho* que diga—*approvado com tantos valores*, basta.

Exultam os paes e as mães; ha jantar de festa em casa e fazem-se convites para a *soirée*, pois que o menino foi approvado em... *portuguez!* Note-se que chamam exame de *portuguez* ao exame *d'instrucção primaria*, mas por maldade ou ostentação, porquanto sabem todos bem a differença que carecterisa um e outro exame!

Mas o menino que foi approvado sabe ou não sabe?

Que pergunta extravagante! O *papel* é que o diz, o mais pouco importa.

Tudo isto é tão verdade como achar-se escripto aqui.

Na Suissa e Belgica a instrucção primaria constitue uma religião phanatica, e as escholas são templos de veneração e respeito. Alli aponta-se para a eschola quasi de chapeu na mão; aqui as escholas são *fabricas de moagem*; moem os mestres e as creanças, e tudo é moinhos. A eschola entre nós não educa, e pelo que respeita a instruir é sempre no sentido de encaminhar os alumnos ao exame. O saber pouco importa.

Tudo é moinhos, repetimos, porque não ha gosto para ensinar e não se ensinam coisas de utilidade immediata. Os programmas do ensino são irrisorios porque são cópia de programmas extrangeiros; sabendo todo o mundo que a condição de vida das nações, ou meio sociologico de cada uma; o temperamento das pessoas pela condição climateria; as necessidades da vida de cada povo:—tudo tem suas variantes, e o ensino deve corresponder a estas circumstancias.

Hoje, o ensino em Portugal é cópia fiel do que se executa nos povos do norte.

As nossas escholas são *moinhos*. Moinhos na monotonia; moinhos no ruido da indisciplina, que vae lavrando a olhos vista; moinhos, porque os mestres sáem moidos da eschola, onde, em vez de ensinarem o que sabem, gastam o tempo gritando contra os discolos que não attendem ás explicações.

Em Lisboa está isto uma desgraça, porque a camara do municipio, que dispende *prégos* de oiro com a instrucção primaria, basta-lhe o enorme cortejo de mestres: effectivos, provisorios, adjuntos, commissionados, brancos e pretos, tortos e aleijados, e *tuti quanti* para cumulo de esbanjamento, não olha porque não sabe olhar para a equitativa distribuição dos serviços, de modo a produzirem o resultado que seria para desejar; e contenta-se em lavrar *decretos* e *portarias*, qual estado dentro de outro estado.

Ora a questão disciplinar não pertence á camara, e, se a camara se intromette n'ella, ou é por ignorancia ou maldade. A questão disciplinar é da exclusiva competencia do governo, representado pela pessoa de um seu delegado que se chama—*inspector*.

Mas a camara, sempre de mal em peior, tem arcado contra o governo desobedecendo á lei; e o governo—não diz nada, e não reprime os devaneios da camara.

Diz o art. 20.º da lei de 2 de maio:

«Nas cidades de Lisboa e Porto e tambem nas outras capitaes de districtos administrativos, ou onde por virtude da densidade da população haja mais de uma eschola complementar ou elementar, as camaras municipaes, *com auctorisação do governo*, podem estabelecer escholas centraes com 3 ou 4 professores ou professoras.»

O que tem feito a camara de Lisboa? Tem creado a esmo escholas centraes e o governo ainda não foi ouvido para coisa nenhuma, não *auctorisou* ainda nada!

A camara de Lisboa *decretou ex-abrupto* a prohibição absoluta dos castigos corporaes na eschola primaria; quando o regulamento do governo (de 1851) os permitte em hypothse.

Ora o que succede?

É facil de perceber. O alumno refractario, cheio de maldade e ruim, não obedece á palavra, ri-se do premio, tripudia de tudo, e tem a certeza da impunidade, porque a camara *decretou-a*. E depois?

Depois o professor esfalfa-se para restabelecer a ordem; não o consegue porque a onda da insubordinação cresce; os discolos multiplicam-se e capitaneiam os restantes na vozeria e desordem! O professor grita, gesticula, berra e bate o pé! A insubordinação *responde*: «se me toca, bastar-me-ha meia folha de papel sellado, para que a camara o derreta, agora veja lá o que faz!»

O professor, que tem medo da camara porque é quem lhe paga o pão, contrahe se, encolhe os hombros e lá vive—*moendo*, berrando, tossindo com o excesso de berrar; e no fim de contas,—vae puchando pelo frasquinho de belladona, porque sente a larynge em fogo!

Ainda não é tudo:

A camara quer que o alumno não seja molestado, e exige aproveitamento! De modo que, não podendo haver aproveitamento porque não ha disciplina em virtude das *altas determinações* da camara, o resultado é que as notas dos alumnos não pódem ser a expressão da verdade; e a camara é que fica illudida em primeiro logar e depois as familias.

Triste mas verdadeiro sudario.

*
* *

O ensino entre nós, maximé em Lisboa, é um myto. Os inspectores das circunscripções não pódem apparecer em toda a parte, porque lhes é impossivel satisfazer a tantas obrigações que a lei lhes marca; e o governo o que não quer é que o importunem com estas *minudencias*, porquanto, voltadas todas as attenções para a politica profana, a politica da eschola primaria anda sem rei nem Roque!

(Continúa)

*S.*

# FONTES PEREIRA DE MELLO

XII

Temos de novo Fontes na opposição, e esse espectaculo não é de menor ensinamento do que o da sua attitude no governo. Sentia-se no vehemente orador opposicionista sempre o homem de governo, sempre o estadista eximio. Nunca aventou na opposição uma idéa que tivesse de desmentir nos bancos do governo, nunca se associou a uma manifestação incorrecta, e nem por isso deixou de ser um terrivel adversario, ou talvez por isso mesmo mais terrivel foi ainda.

Uma das primeiras questões que Fontes Pereira de Mello teve de tratar como deputado opposicionista foi promovida pela demissão de José Maria de Abreu do logar de director geral de instrucção publica, demissão que fôra obra do marquez de Loulé, impellido talvez a esse acto de violencia pela pressão dos seus correligionarios.

José Maria de Abreu votára contra o governo n'uma questão de confiança. A resposta a esse voto foi a demissão de director geral.

Interpellado a esse respeito no dia 20 de julho de 1860 por Fontes Pereira de Mello, o marquez de Loulé respondeu: «que visto o referido empregado ter dito no parlamento que não tinha confiança nos ministros, estes tinham entendido que a não deviam ter tambem no empregado, e por isso demittiram-n'o».

Fontes Pereira de Mello tomou logo a palavra, e foi admiravel na sua investida:

«Para estranhar não é, disse elle com aquella impetuosidade tão caracteristica da sua eloquencia, que no fim de trinta annos de systema representativo viesse dos bancos dos srs. ministros proclamar-se a doutrina da intolerancia politica? Intolerancia repugnante aos nossos usos e ás nossas tradições, e que demais a mais infirma o voto de todos os representantes da nação, que são ao mesmo tempo empregados. Isto é que não esperava ouvir dos bancos dos srs. ministros no fim de trinta annos de systema representativo!...»

«Pois pretende-se infirmar o voto dos representantes do paiz, tolhendo-lhes a liberdade ampla de emittir a sua opinião no parlamento? E quer-se assim sacrificar o governo representativo, proclamando-se esta doutrina? Será isto ou não intolerancia politica? E não passa a mais de intolerancia politica, não é a violação de uma lei expressa? O governo tem a opinião de que o

director da instrucção publica, ou os empregados que podem ser demittidos pelo ministerio não possam aqui dar um voto contra a sua politica. Peço licença ao nobre ministro para lhe dizer, sem animo algum de o offender, porque nunca offendo ninguem, e muito menos um cavalheiro a quem respeito, que o seu dever era vir á camara pedir a incompatibilidade politica de taes empregados com o logar de deputado. Esta é que é a logica.»

Fontes sustentava as doutrinas verdadeiras. O deputado no exercicio das suas funcções não póde estar dependente de qualquer outro poder, se a disciplina, se o respeito hierarchico podem soffrer com a expressão livre das opiniões dos representantes do paiz, o que isso póde provar é que as funcções de representante do paiz são incompativeis com outras quaesquer em que seja necessario manter qualquer deferencia pelos actos dos membros do poder executivo.

Pois tomam-se todos os cuidados na legislação eleitoral para se impedir o governo de exercer pressão sobre os eleitores, e os eleitos podem estar sujeitos á pressão do governo? Pois censura-se acremente o governo porque demittiu um escripturario de fazenda que o não quiz acompanhar nas eleições, e o governo, ao defender-se, sustenta que não foi esse o motivo da demissão, e o deputado cujo voto representa os votos e a vontade de centenas ou de milhares de eleitores ha-de estar debaixo da pressão do governo, que julga poder demittil-o quando o seu voto não é conforme com a sua vontade?

A doutrina, como se vê, era absurda, e o ministerio ficou logo por isso em deploravel situação.

O acto praticado não tinha defeza possivel. O governo julgára praticar um acto de força, e dera simplesmente uma prova de fraqueza. Mostrou que não sabia supportar a critica, e os governos que assim procedem n'um paiz constitucional estão fatalmente condemnados.

Effectivamente o ministerio Loulé começou logo a mostrar-se pouco viavel. Um acontecimento fatalissimo precepitou a sua queda. Dizemos a sua queda porque a recomposição que soffreu nos principios de 1862 era tão radical e profunda que equivalia a uma mudança ministerial completa, conservando-se apenas o marquez de Loulé, que significava um nome prestigioso, mas não uma direcção politica.

Note-se porém que, vindo o terrivel acontecimento da morte d'el-rei D. Pedro v e de seus irmãos, Fontes Pereira de Mello e os seus collegas da opposição mantiveram-se n'uma attitude correctissima. O governo luctava com enormes difficuldades. A opinião publica, desvairada pela angustia d'aquelle momento, chegou a accusar o nobre marquez de Loulé de ter sido cumplice d'essas mortes mysteriosas, ou que assim se consideravam A um leve impulso, o ministerio caía, não aos pedaços como veio a cair, mas completamente. Diante d'uma vigorosa campanha parlamentar, o marquez de Loulé teria de sahir do poder. Pois no momento em que o proprio José Estevão quasi desculpava os tumultos com a conhecida phrase: «É a anarchia da dôr respondendo ao despotismo da morte» Fontes Pereira de Mello condemnava-as absolutamente, fazia-se o defensor da legalidade, estygmatisava a anarchia, e dava força ao governo. Tratando-se da discussão da resposta ao discurso da corôa, ensarilhava as armas, e votava esse documento simplesmente como um cumprimento á corôa.

Mas o ministerio, apesar d'estas contemporisações da opposisão, mal podia sustentar-se. A sua fraqueza diante dos tumultos era notoria. A deploravel scena em que o marquez de Loulé, Antonio José de Avila, Antonio Alberto Moraes de Carvalho e o sr. Carlos Bento da Silva tiveram de fugir das secretarias para o Arsenal de Marinha por uma escada de mão, vibrou-lhe o ultimo golpe—o do ridiculo.

O marquez de Loulé viu-se obrigado a reconstituir completamente o ministerio, fazendo entrar para os conselhos da corôa Anselmo Braamcamp, Mendes Leal e o sr. Joaquim Thomaz Lobo de Avila.

(Continúa.)

*Pinheiro Chagas.*

---

# DOM TAROUCA

(Continuado do n.º 298)

Ao entrar do novo anno, n'uma humida manhã nevoeirenta, o sino parochial badalava um oque repicado e alegre,—longe, no campanario encoberto por uma tapada espessa de pinhal. E, vindo da banda do moinho, um acompanhamento funerario atravessou o logar. Á frente, compenetrado da seriedade melindrosa do seu encargo, o filho do Cacheiro tintinnulava uma campainha tremelicante e gemente, sacudindo-a com fervor; seguiam-n'o outros rapazes em rancho, descarapuçados e pacatos, empunhando sisudamente vélas de cebo, cujas inconstantes luzes protegiam com as mãos enconchadas; emquanto que os trabalhadores, que haviam interrompido a faina das leiras e das azenhas, envergando á pressa as suas vestias para cumprirem aquelle vezeiro dever de confraternidade religiosa, marchavam com um estrupído atropellado de tamancos, jogando de hombros, nos solavancos desordenados das suas passadas que se acceleravam; e, conversando em voz baixa, chalaceando e rindo, uns erguiam a prumo os grossos cabos das lanternas, pintados d'um vermelhão intenso, os outros levavam tambem, negligentemente, amarellados cirios accêsos ou já apagados pelo impiedoso vento. Paramentado com a sua alva sobrepeliz, um chapeu desabado na cabeça e o breviario na mão, o abbade, barbeado e composto, affectava uma nobreza superior de chefe espiritual, no seu zelo de joven sacerdote, caminhando a par do do magro sachristão, que se amortalhava ensanguentadamente n'uma escorrida opa escarlate; e, logo atraz, quatro homens seguravam aos balanços um pequeno caixão, estreito e leve, todo forrado d'um panninho rôxo e enlaçarotado de fitas, onde se estendia ao comprido um corpinho de creança morta, inteiriçada no seu vestido branco, coroada de flores garridas, e cuja carinha tenra e papuda, d'um commovente e saudoso tom de cera mate, fechava os olhos gravemente, e empallidecia n'uma indizivel tristeza, serena e como transfigurada, a que appeteceria chamar eterna.

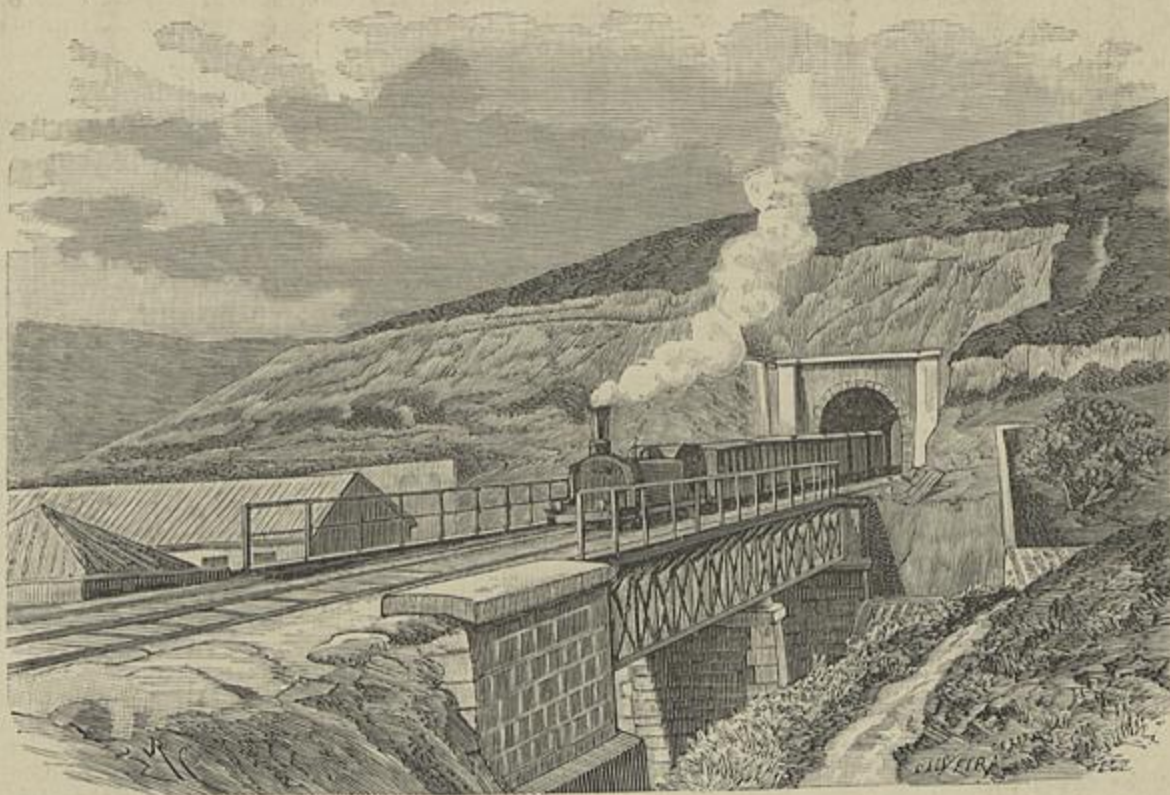
Fizera-se na atmosphera um desannuviamento passageiro, deixando luzir uma vaporosa claridade esbranquiçada de sol anemico; então, os longinquos sons do sino vibraram cantantemente, n'um rebate jubiloso de triumpho que batia e atravessava os ares, como se festejassem o passamento d'aquelle «anjinho» dos lamaceiros massacrantes da terra para os sonhados extasis infindaveis do ceu. Mas, vagarosamente, uma grande nuvem cresceu na abobada tristonha, alastrou-se á maneira d'uma escura nodoa gordurosa; e um chuvisco miudo começou a cahir, tenaz e poeirento, emquanto o brando sol se perdia, e as badaladas do sino distante esmoreciam, afogadas pela esparsa agua aerea, pareciam soluçar plangentemente, na bruma. Transposto o casarío, o acompanhamento subiu uma ladeira, na sua avançada afadigosa e ondulatoria; depois, como uma bocarra hiante que devora, uma curva da estrada, torcida entre socalcos desegnaes, absorveu-o de enfiada. Quando o cadaverinho infantil desappareceu tambem, debaixo do pranto inconsciente da natureza, uma mulher, debruçada á sua janella, perguntou ás visinhas que tinham chegado ás portas das casas, para verem desfilar o enterro, a quem pertencia a defuncta creancinha; e uma confêssa tagarella, cuja lingua tarameleira rhapsodiava sempre todos episodios e casos da vida da aldeia, com suas redondezas, informou gostosamente que era a filha da Delfina. A moleira parira em principio de dezembro; e, durante o primeiro mez, a creança enrijava, crescia, e enflorava-se de tanta saudinha, que deleitava os olhos; eis, porém, que um dia,—porque a babasse bicho mau, ou porque mau ar lhe désse, ou porque assim o determinou a sua sorte negra,—a pequerruchinha amalinou-se, pegou d'enfezar, á moda dos rebentos da vinha quando a tardia geada os sécca, e não mais quiz mamar, e não tornou a sorrir docemente ás caricias; nasceram-lhe sapêlhos borbulhantes na bocca, ás guellas veiu-lhe um inchaço asphyxiador, e, sem que lhe valessem os medicamentos de botica, nem as mésinhas de virtude, nem as orações ajoelhadas e os captivantes votos á Senhora da Afflicção, dentro em pouco morreu, a desventuradinha, morreu com fome e sède, como qualquer orphã nua barbaramente atirada ás urzes! E, n'um intuito velado de reprehensão, a pezarosa mulher commentou beatamente que os juizos da gente são nada, cinza que a aragem evola,—mas ninguem negue que, sobre todas as cousas, paira vigilantemente um providencial governo; como, porém, a visinhança se limitasse a lamuriar n'um côro os cantados suspiros do seu bello enternecimento, postiço e temente, mostrando não a ter entendido claramente, ella recontou com franqueza a passagem padecedôra da Maruca, insultada e maltratada pelo Estevam, que não beijára sequer o seu filho sem arrimo, e lembrou fatalistamente que Deus vinga e pune sem pedra nem arrôcho.

Por então foi que o Estevam mudou inteiramente, abandonando o seu airoso aspecto de companheiro divertido que bebe rijo n'uma troça d'amigos, e de valentaço despedido que rapa a tempo do bellicoso varapau ferrado, n'um reboliço tumultuario de romagem, d'eleição, ou de feira, para dobrar a espinha n'um encolhimento cabisbaixo de condemnado. A morte da sua filha, anniversariando-lhe agourentamente o seu consorcio festival com a prima, fez d'elle um homem fraco e doente, sombrio e melancholico; esse lucto afigurou-se-lhe o principio tragico d'um encadeamento de desgraça, e tornou-o infeliz, alquebrou-lhe o corpo como uma febre mortifera, respirada nas exhalações pôdres d'um pantano. D'uma vez ou d'outra, o vago receio d'um castigo superior tocára-o de leve, roçára-o como a intangivel aza gelada d'um terror desconhecido; mas, agora, essa idéa indefinida era uma especie de pezadello permanente, que o somnambulisava, e tyranicamente o punha a viver dentro d'um espanto amodorrado, dominando o seu tacanho pensamento de serrano supersticioso e tapado, á mistura com pavôres d'inferno, reminiscencias lampejantes do purgatorio, e uns indicios abstractos da cólera dos deuses iracundos. Todas as ameaças implacaveis dos confessores e prégadores se remexiam na sua lembrança; e tinha, por momentos, tremuras tiritantes de pobre velho timorato. Quando assim o viam acabrunhado, no moinho, trabalhando ainda mechanicamente, pelo impulso adquirido do habito, ou o encontravam pelos campos, distrahido e sorumbatico, algumas pessoas apiedadas gritavam-lhe palavras de consolação, na imperativa toada de quem ralha affectuosamente:

—Nun matute n'isso, sôr Esteves! Nun s'arrelie tanto pr'ámor d'aquelle chicho de gente, que foi pr'á companhia dos anjos! Haja elle saude; quant'ao mais, tem muita somma de noites, d'óra ávante, para fabricar filharada!

—Pois, lá isso tenho eu, ólh'o milagre!—concordava elle sempre, com uma prompta convicção artificiosa, que a indecisão d'um sorriso arrepanhado negava. Mas a sua preoccupação persistente e absurda voltava invencivelmente, possuia-o, prostrava-o como uma victima submissa, molle e sem vontade; emmagreceu, e de tal modo se transformou dia a dia, sob a obsessão da sua mania fixa, que se espalhou por toda a parte que o moleiro estava zorata de todo, perdidamente atolambado. A propria Delfina, quando soube dos murmurios sinistros do povo, ficou tranzida, porque se recordou d'ouvir historiar, na sua aldeia, que uma avó do Estevam morrera doida varrida. Ella tambem se matára a chorar pela sua filhinha, berrando as suas maguas alanceantes n'uma porfiada estridulencia de carpideira antiga; mas resignou-se depressa, acreditando que poucos annos correriam sem lhe nascer outra bonita creança escorreita; e o ateiado mal, que senilisava o seu rapaz, o seu senhor e seu bem, roendo-lhe a alma assim como um cancro incuravel, impressionava-a estranhamente. Apesar da sua coragem energica e mascula para a incessante escaramuça da vida, a triste ia desesperando de reanimar o marido; já não continha as lagrimas, ás escondidas; e, mesmo, chegou a querer consultar um doutor cirurgião famoso.

Ora, depois d'um inverno secco e manso, a primavera apresentou-se tormentosa; e, no suave e forte mez d'abril, no mez d'abril creador, em que a natureza se expande n'um desabrochamento total, no bello mez perfumado, cujo nome sonoro é como um grito alado d'andorinha na radiosa luz,—as desabridas ventanias arrancavam tão asperamente, dos esgalhos seivosos das arvores, as bastas florações côr das rosas tremeiras e da neve lyrial, que os lavradores prophetisavam-se uma escassa colheita de fructa, desoladamente. De vez em quando rumorejavam trovoadas curtas, a distancia, e repetiam-se como se as torvas nuvens travassem combates ephemeros de guerrilhas, á tôa, ensaiando alguma batalha imminente, desabalada e solemne; as grossas chuvadas succediam-se, com intervallos illuminados; e o Douro estreito e serpenteante, comparavel a um esgôto natural das montanhas que o entalam, atulhou-se d'aguas barrentas, trepou desmarcadamente no seu apertado leito, invadindo a foz do Bestança, arredondada n'uma abertura symetrica, e cobrindo o ribeiro acanhado com um braço d'inundação, que se alongava, socegado e cheio, até adiante do moinho, detido lá pelo recanto precipitado do valle. Uma noite, comidas as vêrsas migadas do caldo da sua ceia, o Estevam e a Delfina estavam sentados á lareira, saboreando o calor expirante das brazas, que se

# CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA

VIADUCTO E TUNNEL DA PONTE NOVA.—Vid. artigo «Caminho de Ferro de Lisboa a Cintra» pag. 107.

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Augusto Lamarão)

apagavam e encarvoavam lentamente. Fóra, acima do açude defendido por um solido paredão, o Bestança rugia, feroz e rouco, resvalando encascatado por um declive pedregulhoso; sentia-se, no telhado, o chofre ainda raro d'esses pingos de chuva, que se diriam gordas gôtas de suor cahidas dos ceus abrazados, quando véem as inquietadoras calmarias electricas; e, justamente, ao longe roncavam trovões surdos. Para confortar o Estevam, que a cada ribombo se fazia livido e estremecia, a mulher insinuou em ar de chalaça que os barbudos santos ociosos andavam arrastando as suas cadeiras, nos vastos paraizos; mas, pouco a pouco, os echos das serranias rolaram um grande vento de furacão, desencadeado robustamente, com um barulho crescente e espantoso; e ella assustando-se tambem. Benzendo-se, observou:

—Credo, que ventaneira! Acho que morreu algum diabo!...

(Conclue.)

*Monteiro Ramalho.*

## RESENHA NOTICIOSA

SESSÃO SOLEMNE. A Sociedade de Geographia de Lisboa celebrou nas suas salas, em a noite de 16 do corrente, uma sessão solemne para a entrega de uma medalha de ouro ao seu secretario perpetuo sr. Luciano Cordeiro, como testemunho de reconhecimento dos relevantes serviços por elle prestados á mesma sociedade. Pelo mesmo motivo foi tambem inaugurado na sala das sessões o seu retrato.

SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES. No dia 15 do corrente foi inaugurada, nas salas da Academia de Bellas Artes, a XIV exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes. A este acto dignou-se assistir a familia real, que examinou a exposição com o maior interesse. El-rei D. Luiz distribuiu as medalhas aos expositores premiados na ultima exposição, os quaes eram os srs. Malhoa e Moreira Rato Junior, medalhas de 2.ª classe; Felix da Costa, D. Josepha Garcia Greno, Adolpho Greno e Heitor, medalhas de 3.ª classe; visconde de Athouguia, Carlos Reis, D. Guilhermina Costa e Michele, menções honrosas. A exposição occupa tres sallas onde se acham expostas 371 obras. É grande a variedade de quadros e póde-se dizer que é esta uma das melhores exposições que a Sociedade tem feito. Vêem-se alli quadros de grande merecimento e que marcam um verdadeiro progresso na nossa escola de pintura. A par d'esses quadros, porém, vêem-se outros, que melhor fôra que a Sociedade os não tivesse exposto, por estarem abaixo de toda a critica. O OCCIDENTE breve se occupará mais desenvolvidamente d'esta exposição onde se revelam vantajosamente alguns artistas novos.

PRINCESA D. ANTONIA. Partiu no dia 18, no comboio das oito horas e meia da noite, para Sigmarigen por Madrid a Princeza D. Antonia, que desde o dia 22 de março se achava em Lisboa. El-rei D. Luiz acompanhou até á fronteira sua augusta irmã, acompanhando-a tambem o sr. ministro das obras publicas e outros funccionarios. A *gare* foram despedir-se de sua alteza os srs. Duques de Palmella e de Albuquerque, Marquezes de Fronteira, de Rio Maior, de Pombal e de Pomares, conde das Alcaçovas, ministerio, drs. Barbosa e Thomaz de Carvalho, general de divisão e officiaes de differentes armas.

VISTIGIOS DA INQUISIÇÃO DE LISBOA. Nas escavações que se estão fazendo no becco do Forno proximo do theatro de D. Maria II, para construir os alicerces de uma casa do sr. Radich, encontrou-se uma abobada, que fendida pelas picaretas dos operarios se reconheceu pela abertura feita, existir sob ella uma casa subterranea de dois metros de largo por dois e meio de comprida e dois de altura. Esta casa não mostra ter communicação com outras, pois não tem porta nenhuma. Dentro encontrou-se um esqueleto humano completo, uma lampada romana de barro e um prato e alguidar tambem de barro. O craneo do esqueleto esfarela-se facilmente, mas tem uma dentadura alva e completa, o que faz supor que o infeliz que alli morreu entaipado era individuo ainda novo. Parece que esta sepultura de vivos deve ter pertencido á inquisição que existiu onde hoje se vê o theatro de D. Maria II.

CRISE POLITICA EM FRANÇA. O ministerio francez presidido por Mr. Goblet pediu a sua demissão em virtude de uma votação da camara contraria ás medidas de fazenda do sr. Dauphin. A imprensa intransigente applaude a queda do ministerio e indica para chefe do novo gabinete Mr. Clemenceau attribuindo-lhe reformas transcendentes ha muito reclamadas pelos republicanos ma's avançados. Entretanto Mr. Grevy, presidente da republica, chamou Mr. Freycinet para formar novo gabinete, mas tem-se levantado grandes difficuldades para este estadista organisar ministerio, a ponto de desistir. O presidente da republica tem conferenciado com differentes homens politicos de maior influencia, mas sem resultado satisfatorio para a solução da crise.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**As farpas**, *o paiz e a sociedade portugueza*, Ramalho Ortigão, reedição largamente ampliada, David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculos 3, 4 e 5 d'esta notavel publicação que se recommenda pelos creditos adquiridos da primeira edição.

**As pontes do Lucala** *na provincia de Angola, memoria offerecida á Sociedade de Geographia de Lisboa*, pelo socio Claudino Augusto Carneiro de Souza e Faro. Lisboa, typographia de Adolpho Modesto & C.ª, 1887. A leitura d'esta memoria revela a grande importancia das pontes construidas pelo sr. Souza e Faro sobre o rio Lucalla, de que á principal foi dado o nome de ponte *Pinheiro Chagas*, em attenção ao ministro da marinha que auctorisou a sua construcção. Uma breve noticia sobre esta ponte e vistas da mesma, já os nossos leitores tiveram occasião de verem a paginas 67 e 68 do presente volume. É uma das obras mais importantes que se tem feito na provincia de Angola, e que honra tanto o governo que as mandou fazer como o engenheiro que as planeou e executou. Para a realisação d'estas pontes procedeu o sr. Souza e Faro a demorados estudos de que dá boa conta n'esta memoria. Algumas notas biographicas do distincto engenheiro, que tem passado a sua vida no serviço de obras publicas do ultramar, onde tem construido varios edificios do estado, pontes, etc., completam o folheto.

**Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.**

TYP. CASTRO IRMÃO—Rua da Cruz de Pau, 31—Lisboa